



CD J.P. BOLETIM

N.º 142 - SETEMBRO DE 1961 - 12,00 M.

BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL
DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO PESSOAL

Problemas recreativos

Resultado do n.º 144

QUADRO DE HONRA

Brielga, Britabrantes, Barrabás, Cagliostro, Costasilva, Cruz Canhoto, Dalotos, Diabo Vermelho, Elminhos, Filho da pouca sorte, Gavião, Manelik, Martins, Mefistófeles, Novata, Otrebla, Pacato, P. Rêgo, Presto João, Profeta, Radamés, Roldão, Sécora, Veste-se, Visconde de Cambolh e Visconde de la Morlière (32).

Soluções:

Aumentativas: Cabeção, Olhão, Pinhão, Fundão.

Biformes: Espinho, Porta, Caminha, Vilarinho.

Duplas: Fonte, Monção, Granja.

Eléctricas: Labutes, Sines, Miram.

Mefistofélicas: Montemór, Valado.

Novíssimas: Evora-Monte, Sabugosa.

Sincopadas: Valega, Caminha, Outeiro, Évora, Reguengo, Telhada.

Transpostas: Quedar, Lapela, Acica, Cete, Ramo.

Enigmas tipográficos: Cacela, Vizela, Lapela.

As produções publicadas eram da autoria de «Álera».

Biformes: 1 — Quem julga o «discurso» uma simples palestra — 4

2 — esquece-se de que há menos «demora» nessa que no «discurso» — 3

3 — e de que o estilo do discurso é só próprio do «discurso» — 3

4 — O discurso é muito usado por aqueles que se propõem enaltecer as qualidades de alguém, em paga de certas atenções — 3

Combinadas:

5 —

+ ta = diverge
+ ta = abre
+ ta = estilo
= Discurso

6 —

+ ta = gasto
+ ta = derrame
+ ta = folga
= Discurso

7 —

+ ta = argento
+ ta = gigante
+ ta = tira
= Discurso

8 —

+ ta = calcula
+ ta = lágrima
+ ta = ralha
+ ta = louca mourisca
= Discurso prolongado
e monótono

9 —

+ ta = flexível
+ ta = cascarra
+ ta = passeira
+ ta = boracheira
= Discurso ininteligível

Duplas: 10 — A intromissão de ideias estranhas ao assunto de um «discurso» torna este «importuno» — 2.

11 — O orador torna o discurso prolixo e enfadonho se não cuidar do «regimento» metódico de todas as suas partes — 3.

12 — O interesse do auditório depende do princípio da primeira parte de um discurso — 4

13 — e aumenta em relação à parte do discurso em que se historia o assunto, — 3

14 — mas a segurança desse interesse está ainda na parte do discurso em que o orador desenvolve as provas — 4.

15 — Todavia, para prender a atenção, é necessária a vivacidade dos argumentos na continuação dum discurso — 2.

16 — e o brilho das ideias expressas em bons termos, que são belos ornamentos de discurso — 4.

17 — reservando o orador, para o fim do discurso, o remate sensacional do assunto — 2.

18 — Todo o discurso que exorta à virtude é um discurso moral — 4.

19 — Um discurso obscuro, feito a rede para não ser entendido, é, realmente, um discurso burlesco — 4.

20 — Defendi os meus actos de certas acusações e agora já não «discurso para justificar» as palavras que proferi no discurso em defesa própria — 5.

21 — O discurso violento e injurioso é um discurso abundante em invectivas acrimonianas — 4.

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA CP

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PROPRIEDADE
DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

DIRECTOR
O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro Alvaro de Lima Henriques

ADMINISTRAÇÃO
LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação
de Santa Apolónia

Editor: Comercialista Carlos Simões de Albuquerque

Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

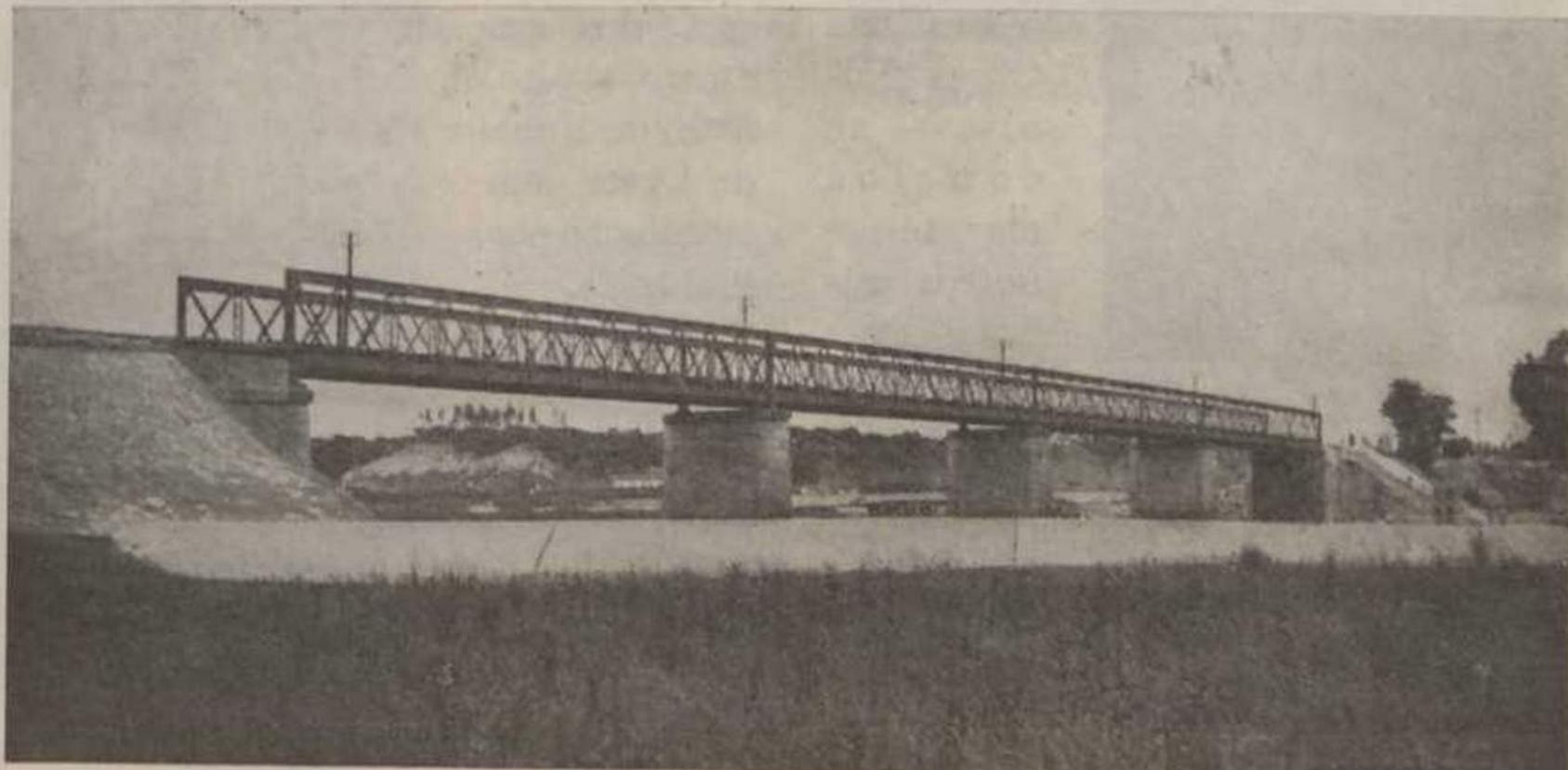
SUMÁRIO: As obras do Setil. — As nossas pontes. — Marrocos. — Digressão literária. — Consultas e Documentos. — Factos e Informações. — Pessoal.

As obras do Setil

EM artigo intitulado «As inundações do Setil», que o *Boletim da C. P.* publicou no número 141 de Março do corrente ano, descreveu-se qual o plano de obras superiormente aprovado com o fim de evitar a repetição dos desastres ocorridos nesta

região, sempre que as cheias atingem volumes como os que desde 1936 se têm registado.

Embora a situação internacional prejudique consideravelmente não só a execução dos trabalhos previstos e em curso, mas até



A ponte do Canal da Azambuja antes da ampliação do tramo novo. No primeiro plano observa-se o descarregador de superfície do dique, feito pela Direcção da Hidráulica do Tejo, que encosta ao atterro da linha do lado de montante.



O velho encontro poente da ponte do Canal da Azambuja já está cortado para ser transformado em pilar.



Ampliação da ponte do Canal da Azambuja. Uma das pilhas de mil travessas.

a concepção dos futuros, por não existirem em Portugal altos fornos e correlativa fabricação de aço, a verdade é que a nossa Companhia tem enfrentado enérgica e resolutamente todas as dificuldades, a-fim-de conseguir que ainda este ano não só a primeira

fase do plano de obras no Setil, aprovado por Sua Ex.^a o Ministro das Obras Públicas, se conclua mas até que outros trabalhos complementares, também já homologa-

dos, possam ser terminados. É compreensível a necessidade imperiosa de concluir numa só campanha trabalhos desta natureza.

Chegada a época das chuvas todos os trabalhos começados deverão estar concluídos, sob pena de prejuízos incalculáveis entre os

quais até se deve considerar a possível destruição da própria obra inacabada.

A campanha d'este ano teve início em 8 de Maio, quando o tempo excepcionalmente pluvioso, que tem caracterizado 1941, melhorou.

Começou-se por modificar completamente a zona da estação do Setil onde se insere a linha de Vendas Novas. Aí, em curto trôço, ficou a linha de Leste com circulação por via única.

Esta alteração permitiu o começo da excavação de metade do atterro ao quilômetro 56,650 onde se fará a construção dum viaduto de alvenaria



Pormenor do corte do antigo encontro poente da ponte do Canal da Azambuja para o transformar em pilar



A máquina da casa Franki que cravou as estacas de betão armado onde se apoia o novo encontro da ponte do Canal da Azambuja.



Execução da sapata onde asseniará o novo encontro da ponte do Canal da Azambuja, depois de ampliada com mais um tramo de 36 metros de vão.



Execução da sapata para o novo encontro da ponte do Canal da Azambuja.



Depósitos de cantaria de granito aparelhada, pronta a ser empregada.

com três arcos de quatro metros de vão cada um. Os materiais de construção adoptados, essencialmente nacionais, cantaria de granito e cimento, talvez não tivessem sós encontrado aqui aplicação em tempos normais, mas perante a impossibilidade de aquisição de aço para betão armado outra solução não podia agora ser escolhida.

A execução dos alicerces desta obra de arte sofreu aborrecido precalço. De facto, com base em sondagem feita, contava-se que as estacas de betão armado sobre que se apoiaria a arcada atingiriam oito a nove me-



Oficina de canteiro junto à ponte do Canal da Vala da Azambuja



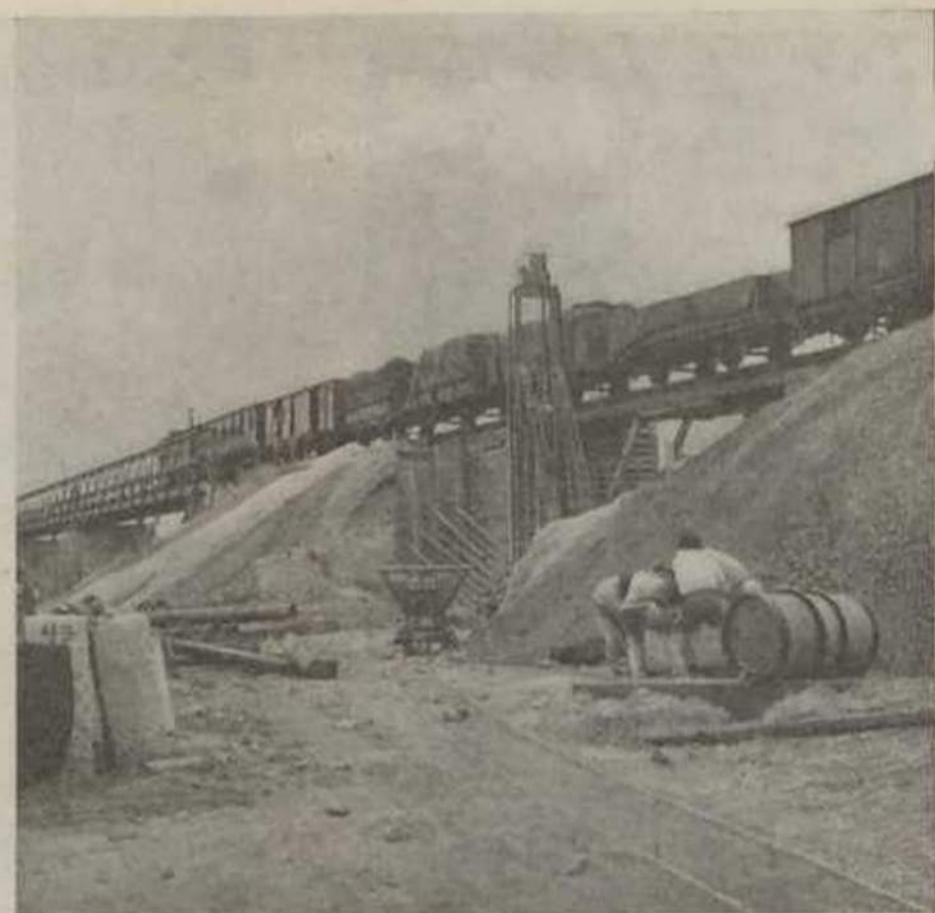
Betoneiras despejam sem cessar betão para a elaboração da sapata do futuro encontro da ponte do Canal da Azambuja.



Outra oficina de canteiro junto ao futuro viaduto no Km. 56,650 da linha de Leste.



As duas pilhas de mil travessas e o pontão provisório de doze metros de vão.



A circulação pela ponte do Canal da Azambuja faz-se com segurança apesar das obras de ampliação em curso.

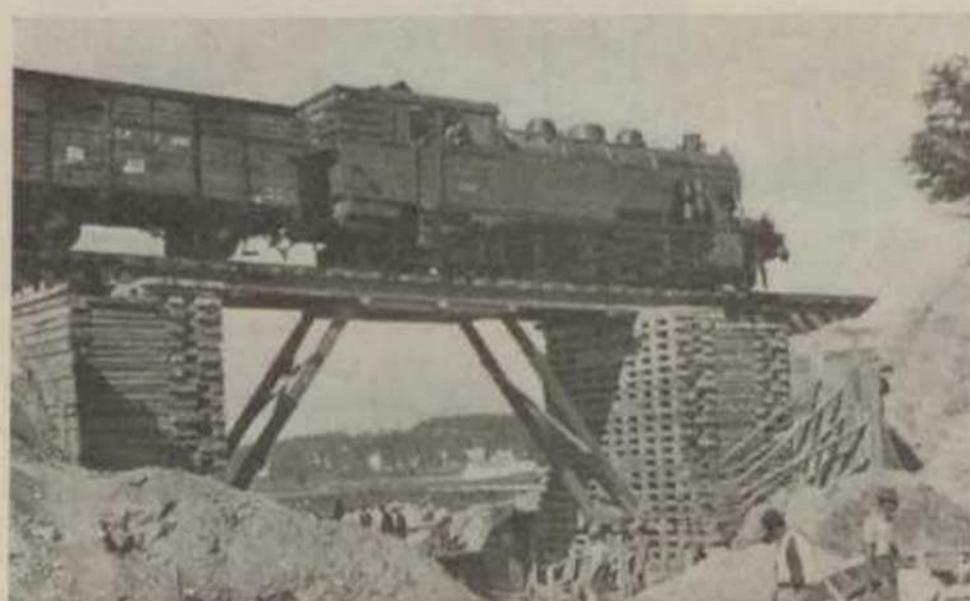
etros, mas na realidade algumas tiveram de ir à profundidade de 26^m,40, o que redundou em prejudicial atraso do trabalho, porquanto houve necessidade de trocar a máquina em serviço por outra mais potente, empregar estacas de maior diâmetro e modificar o número e plano de distribuição delas.

Embora o terreno fosse dado livre para cravação de estacas em 7 de Junho, o empreiteiro só meteu a primeira em 26 desse mês.

Não tem, pois, esta obra corrido com a presteza que se ambicionava, mas em compensação a ampliação da ponte sobre o Canal da Azambuja segue em ritmo acelerado,

absolutamente de harmonia com programa previamente elaborado.

A primeira fase do plano de obras aprovado compreende unicamente a ampliação da ponte do Canal da Azambuja com um tramo metálico de 36 metros de vão para o lado da estação do Setil. Para executar este delicado trabalho havia que transformar o encontro da ponte do lado poente em pilar, escavar o atterro e construir o novo encontro. Em 27 de Maio iniciaram-se os trabalhos preliminares, para a construção do encontro futuro, para o que foi ne-



O pontão provisório de 12 metros de vão apesar do seu aspecto leveiro é de robustez a toda a prova como se vê.



O pessoal está tão absorvido no trabalho que nem dá pela passagem dos comboios...



Operação de betonagem duma estaca de betão armado com 26,40 metros, no local onde se elevará o futuro viaduto de alvenaria do Setil.

travessas apoiaram-se vigas de aço para suporte da via férrea e o espaço entre as pilhas, que mede 12 metros, esvaziou-se da terra do atérro. Tudo estava concluído em 13 de Julho.

Simultaneamente colocaram-se outras vigas e apoios provisórios sobre o antigo encontro para consentir que este fôsse cortado e transformado em pilar, sem prejuízo da circulação dos comboios.

Iniciou-se o trabalho dos alicerces para o futuro encontro em 17 de Junho e em 27 já as 30 estacas de betão armado previstas, sistema *Franki*, estavam todas cravadas, tendo ido à profundidade média de 10 metros.

Este sistema de execução de alicerces, estacas de betão armado moldadas no próprio terreno, verdadeiramente moderno, alia, à grande rapidez de execução, garantia de solidez e segurança que lhe tem grangeado por todo o orbe confiança que se traduz em expansão cada vez maior.

É interessantíssimo seguir as fases de cravação

cessário abrir o atérro a toda a altura de 7,60 em dois troços onde se elevaram duas enormes pilhas de mil travessas cada. Sobre estas pilhas de

destas estacas a que pessoal competente e expedito imprime vivacidade e movimentação que prendem a atenção até dos mais leigos em matéria

de construção. Actualmente já o velho encontro se encontra transformado em pilar e o novo encontro onde assentará o futuro tramo metálico da ponte sobre o Canal da Azambuja está concluído.

A velocidade de cravação de estacas *Franki* parece que estimulou todo o restante pessoal, obrigando-o a imprimir uma cadência de marcha porventura invulgar sem prejuízo da solidez da obra.

É muito numeroso o pessoal que trabalha nas obras do Setil, pois ultrapassa 350 homens: canteiros, pedreiros, carpinteiros, ferreiros, trabalhadores, serventes, apontadores, capatazes e mestres.

Para alojar tanta gente foi necessário construir várias instalações provisórias, tais como dormitórios, cozinhas, refeitórios, oficinas, alpendres, arrecadações, armazéns de materiais e escritório.

Para melhor elucidação publica-se larga documentação fotográfica do estado das obras em Julho passado.



O granito para a cantaria das obras do Setil é muito bom, azulado, de grão fino mas rijíssimo. As ferramentas necessitam ser constantemente reparadas. Nesta improvisada oficina de ferreiro os operários não têm mãos a medir nem tempo a perder, mas consentiram em pousar para o fotógrafo...

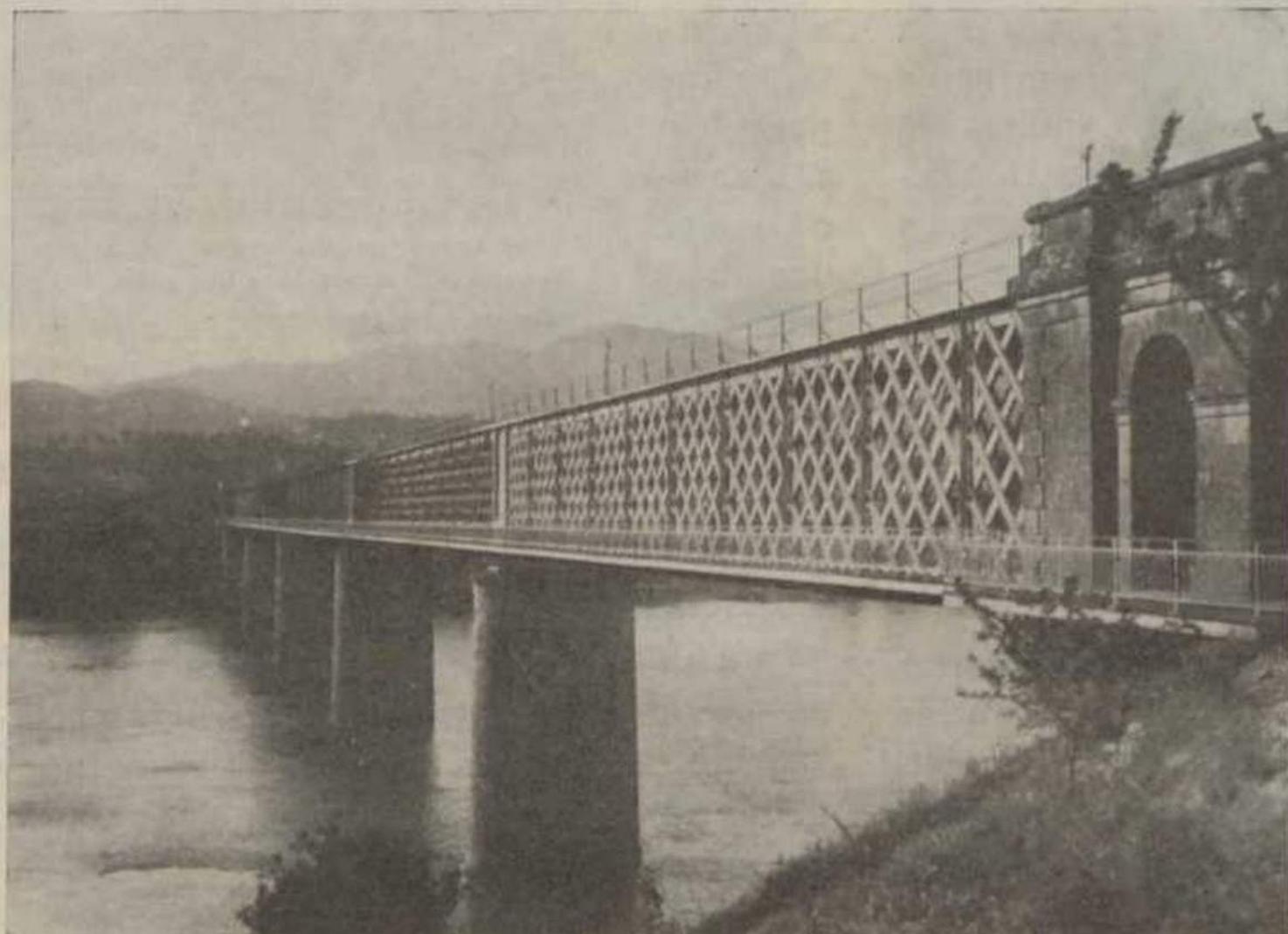


A grande máquina para cravação de estacas da casa *Franki* trabalhando nos alicerces para o viaduto de alvenaria ao Km. 56,650 da linha de Leste.

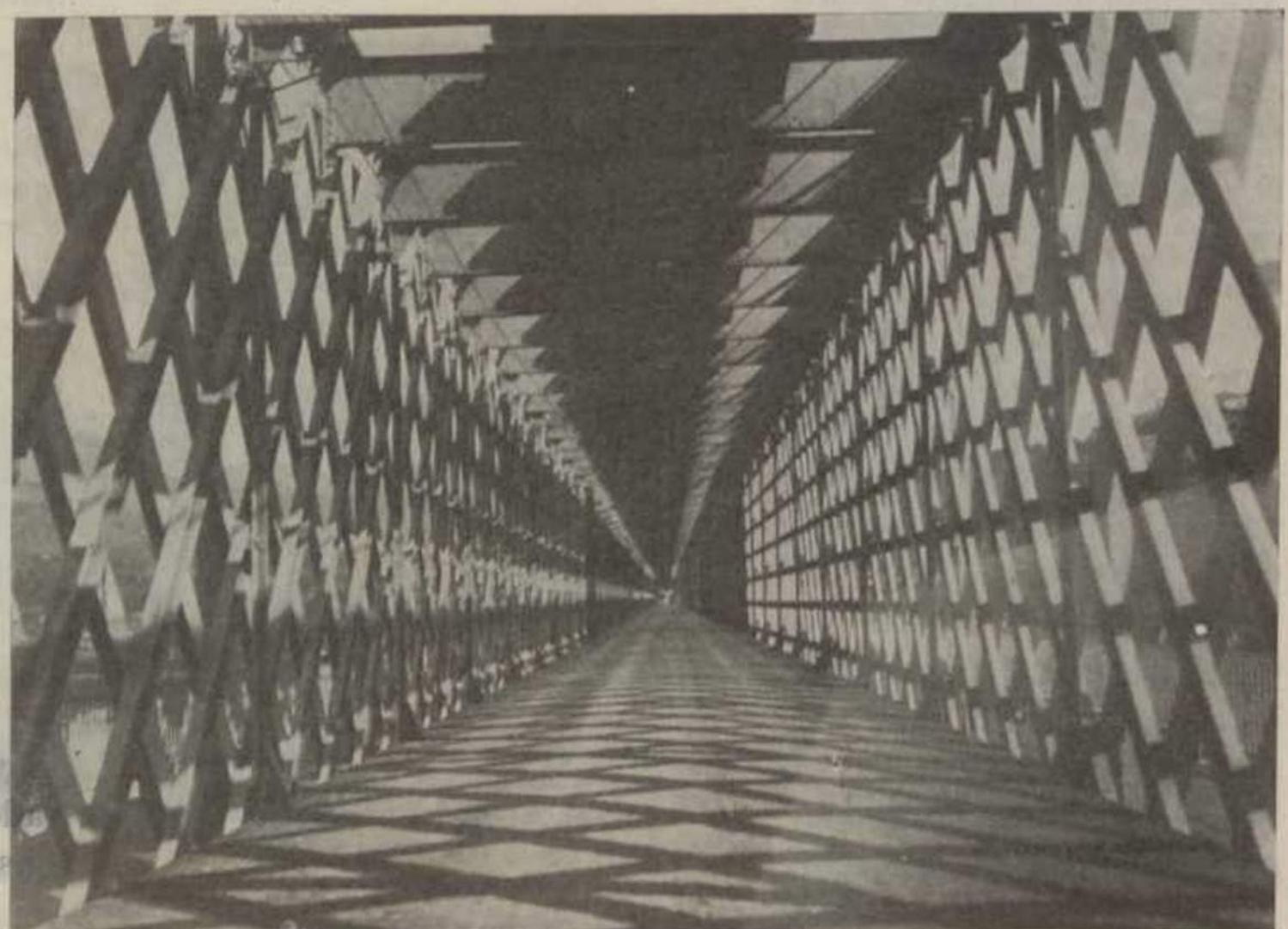
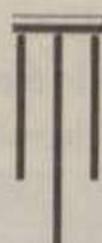
AS NOSSAS PONTES

Ponte internacional de Valença

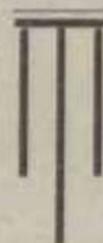
Esta ponte sobre o rio Minho ao Km. 131,341, foi construída em 1886. Tem 2 tramos de 61^m,5 de vão, 3 de 69^m e dois pequenos pontões de 15^m, de acesso ao tabuleiro superior para o caminho de ferro. O tabuleiro inferior destina-se ao tráfego de viaturas de estrada. Exteriormente às vigas principais corre o passeio para o trânsito de peões.



Vista exterior
da ponte



Vista interior
(tabuleiro
de entrada)





Marrocos — Tarudante — Encantador de serpentes

MARROCOS

Pelo Sr. Eng.^o Francisco A. Almeida Mendia, Chefe de Serviço da Divisão do Material e Tracção

DEPOIS da conquista do Algarve por D. Afonso III, Marrocos passou a ser a ambição dos portugueses, que pretendiam alargar o seu domínio para além do Estreito.

Em 1415 o Infante D. Henrique, vencendo a relutância de seu pai, o rei D. João I, empreendeu a conquista de Ceuta.

Nunca tamanha e tão luzida expedição passara a barra do Tejo.

Lisboa inteira assistiu, maravilhada, ao espectáculo imponente.

Era enorme o cortejo das naus que lentamente seguiam rio abaixo de velas enfumadas. Nessas naus ia a esperança e o melhor da cavalaria portuguesa.

Na noite de 20 de Agosto a armada fundeou na baía de Ceuta e no dia seguinte, ao romper da manhã, foi dada ordem para o ataque.

A luta foi renhida. A praça forte defendia-se com denôdo e com todo o seu poder mas à noite desse mesmo dia, em Ceuta, não havia um só mouro. Os que não tinham morrido na luta tinham fugido espavoridos.

Os portugueses venceram num impeto admirável.

Assim como a queda de Constantinopla marca o inicio dos tempos modernos, a queda de Ceuta marca para o Mundo uma data ainda mais importante: a do ponto de partida para as conquistas e descobertas dos portugueses



Mulher marroquina de Tarudante



Cantores árabes



Criança árabe



Mercado à porta de Mequinez



A caminho de Tadert



Encantador de serpentes



Alcácer-Kibir — O mercado

No grande Aklar.
Mudança de uma família

Mais tarde, em 1437, já no reinado de D. Duarte, o Infante D. Henrique acomete Tânger, mas os mouros defendem-se de tal sorte que os portugueses não conseguem dominá-los.

Durante a batalha foi feito prisioneiro o Infante D. Fernando e os mouros exigem para a sua restituição a entrega de Ceuta.

O Infante prefere ficar no cativeiro, vindo a morrer 6 anos mais tarde, depois de ter passado toda a espécie de martírios. O seu cadáver foi exposto, pendurado de cabeça para baixo, à porta de Fêz, onde os árabes, em turba, admiravam o sacrifício daquele corpo inocente e jovem, imolado à grandeza de Portugal.

Em 1471, D. Afonso V empreende a conquista de Arzila. Acompanhado de seu filho primogénito, o Príncipe D. João, o futuro D. João II, um dos maiores reis de Portugal, aprovou aquela praça no dia 20 de Agosto.

Compunha-se a expedição



Tropa árabe

Caravana junto às muralhas
de Tarudante



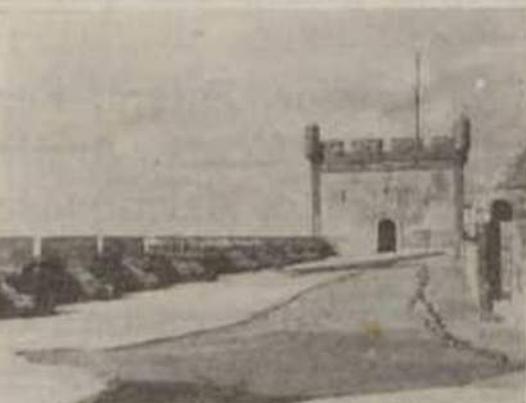
Salé — Velhos canhões portugueses



Um mendigo



Casablanca — A praça de França na cidade moderna



Mogador — Fortalezas portuguesas

de 400 navios de guerra e 24.000 cavaleiros e homens de armas. A tempestade era tamanha que no desembarque morreram duzentos homens. Apesar disso foi tão forte a investida, que no mesmo dia Arzila era conquistada.

Foi rude a peleja. O Príncipe D. João, com 16 anos apenas, batera-se garbosamente nos lugares mais perigosos da batalha.

Morreu durante a luta o Conde de Marialva, D. João Coutinho, um dos mais garbosos e mais valentes cavaleiros do seu tempo.

Valera a pena o sacrifício, porque a praça de Arzila era um dos mais fortes redutos de Marrocos e famosa pelo seu comércio, arsenais e edifícios magníficos.

Depois da conquista e ocupado o castelo pelo exército português, o rei, o príncipe e numerosa comitiva dirigiram-se à grande mesquita, já consagrada ao culto católico.

Sobre o lajedo do chão, jazia, coberto de feridas, o corpo do valoroso Conde de Marialva.



Volubilis — Arco romano



A cidade de Salé



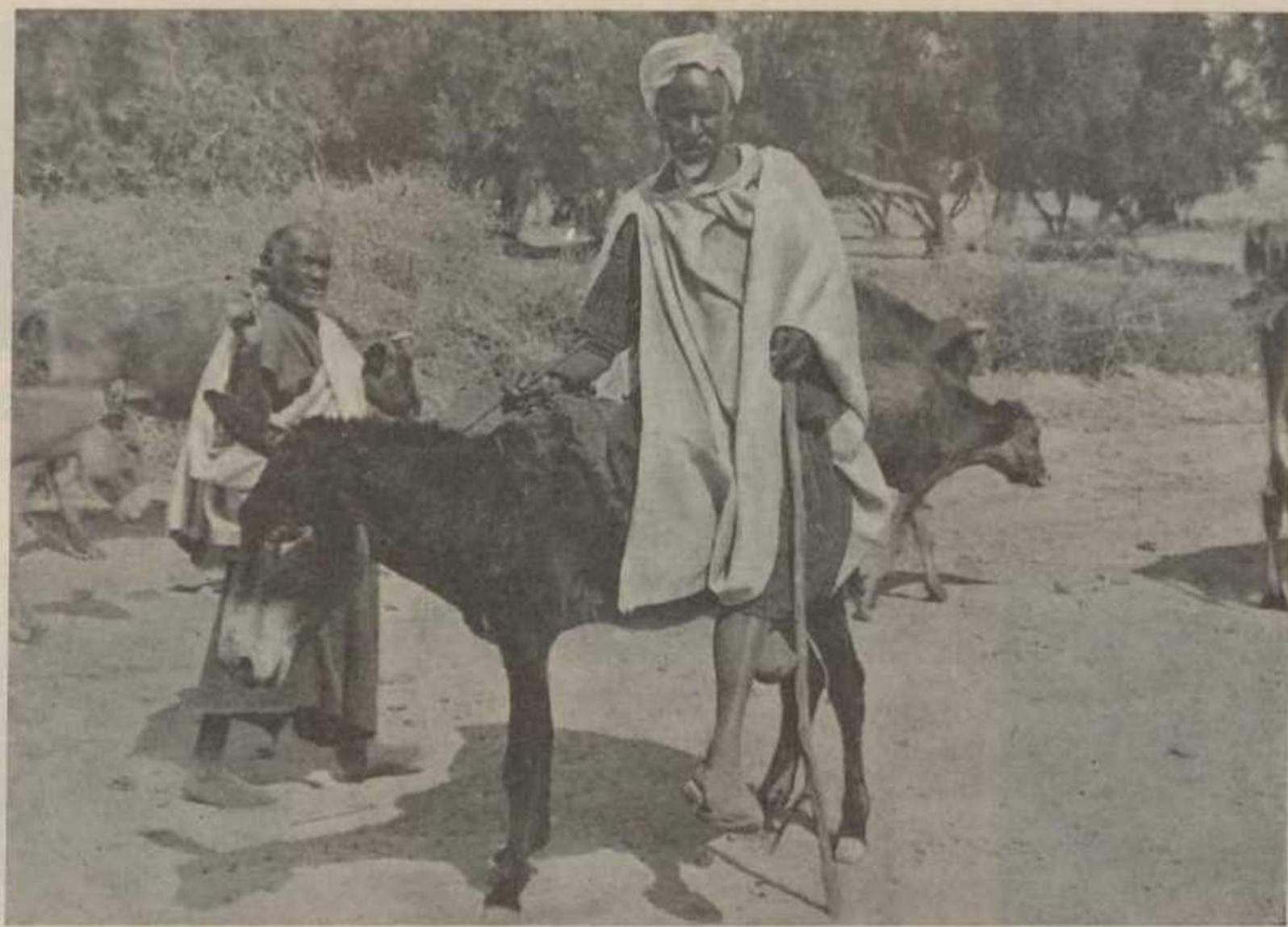
«Midelt» — Nascentes azuis do rio Meski



Rabate — O palácio do Sultão

Todos ajoelharam. Em seguida, o rei, erguendo-se, tomou a espada de seu filho, que continuava ajoelhado, a mesma espada com que todo o dia pelejara pela grandeza da sua pátria e, solenemente, depois de breve exortação, tocando com ela três vezes no capacete do príncipe, o armou cavaleiro, dizendo-lhe:

«Filho, praça a Deus que haja por seu serviço serdes vós tão



Pobre e aleijado percorre os povoados pedindo esmola, montado no seu burro

bom cavaleiro como foi D. João Coutinho, Conde de Marialva, cujo corpo aí vêdes jazer morto, com muitas feridas que por serviço de Deus e nosso, hoje recebeu. E beijando el-rei o príncipe na face, o levantou pela mão». (¹)

O príncipe, quase uma criança, tivera o seu baptismo de sangue e ganhara com valor as esporas de ouro da cavalaria portuguesa que ele havia de honrar por toda a vida.

Tão grande foi o pânico espalhado entre a moirama que à noite vieram parlamentares de Tânger oferecer a rendição da cidade, sem condições e sem luta, ao rei português. Tânger, a que resistira ao Infante D. Henrique, a linda Tânger, com a sua montanha recortada de jardins e casas brancas, que mais parece uma pérola presa de concha de prata cheia de água clara e brilhante, Tânger o empório do comércio marroquino.

Foi desta maneira, com tais actos de bravura, que os portugueses pouco a pouco, empreenderam a conquista de Marrocos, que mais tarde, por circunstâncias diversas, haviam de abandonar.

Quem percorrer hoje Marrocos, em quase

toda a costa e muito para o interior, encontra vestígios da passada glória dos portugueses naquelas terras.

Casabranca, Safim, Azamor, Salera, Fêz, Rabate, Mequinez, Larache, Ceuta, Arzila, Tânger, Alcácer-Kibir, Tetuão, Marráquexe, e até em Tarudante, nos confins do deserto e em muitos outros lugares, se encontram vestígios do domínio português: fortalezas magníficas, muralhas altaneiras e portos famosos.

Hoje, Marrocos, quase todo sob o domínio francês, constitue uma terra de encanto. O génio empreendedor do general Lyautey rasgou estradas magníficas, estabeleceu caminhos de ferro, fundou cidades modernas e cultivou os campos.

Os árabes mantêm todas as suas tradições, vestuário e hábitos antigos, o que ligado aquela paisagem maravilhosa e estranha, nos faz pensar nos tempos da Biblia.

Passados tantos séculos ainda hoje os mouros nos recebem com especial afabilidade e conservam a tradição da colonização portuguesa.

(¹) Damião de Goes — *Crônica do Príncipe D. João*.

Digressão literária.

Júlio de Castilho nasceu em 30 de Abril de 1840 e faleceu em 8 de Fevereiro de 1919.

Escritor erudito, os seus livros revelam profundos conhecimentos de história e arqueologia.

A sua obra mais apreciada — «Lisboa Antiga» — da qual vamos extrair algumas passagens, constitui um monumental estudo histórico da nossa capital.

É um trabalho de erudição, que se lê com o maior agrado.

No viver do paço português, ao alvorecer o século XVI, rompe-se como que um novo clarão lá da banda do Oriente. Anda no ar o perfume das terras maravilhosas de além-mar. Envia-nos Borneo a sua cânfora; as Molucas, o cravo; Banda, as nozes; Timor, o sândalo; Ceilão e todo o Malabar, canela, pimenta e gengivre. Iluminam-se os salões da velha Alfama com as magnificências das terras africanas, indianas e chinesas. Sofala manda-nos oiro; Ceilão e o Pegú, rubis e aljofares; Narsinga, diamantes; Bengala, linhos finíssimos; Pequim, os seus xarões; a Pérsia, os seus tapetes. Toda a Índia, com os rajás recamados de pérolas, toda a China, com os mandarins broslados de matizes de seda, rutilam na mobília dos nobres palácios ao longo da Ribeira de Lisboa.

Lisboa, empório do mundo, vê atónita, no seu grémio, os animais daqueles climas, as flores daquelas plagas fantásticas. Corre a mocidade, num delírio de moda, numa porfia contagiosa, a engrossar as falanges dos aventureiros e conquistadores; e quando recolhe à pátria, traz no rosto, nos hábitos, nas cicatrizes, nas saudades, e até nas alcunhas, muita vez transformadas em apelidos, as provas do seu afecto aos grandiosos cenários de além-mar.

Com o seu instinto profético, o povo olhava de soslaio para tão estranhas maravilhas, que a flux lhe caíam no regaço; e, desconfiado, murmurava um anexim lúgubre, que se implantou na língua: *Fazenda da Índia não lus.*

Vieram os contadores marchetados de

madrepérola e prata; vieram os cofres de laca vermelha perfilada de oiro; vieram os escritórios e caixotões de xarão embutidos de marfim; almofadas e colchas bordadas de seda; as jóias persianas com o seu desenho desusado e vistoso; as lindíssimas loiças esmaltadas a capricho. Vieram especiarias, nunca provadas, transformar a arte culinária. Chegaram pássaros vivos, feitos de esmeraldas, safiras e opalas. Entrou toda essa civilização oriental, soridente e magnífica, e soube quebrar de vez o nosso viver moírisco e recolhido.

Aos usos, ao pensar, às manifestações artísticas, chegou da Conquista a seiva nova, e infiltrou-se em todas as artérias nacionais. Aqui, vai criar a arquitectura manuelina, implantação do estilo oriental sobre um ogival mesclado de romano. Acolá, vai transformar os costumes, e aquecer a alma do povo com as efémeras veleidades de predomínio eterno. Mais além, não tardará em expandir-se na obra literária, iluminar de relance o papel em que escreveriam Gil Vicente e António Prestes, e espaldanar, em borbotões luminosos, do livro incongruente e vibrante que se há-de chamar *Os Lusiadas*.

Se entrássemos nos paços de el-Rei D. Manuel, presidente nato de todo esse renascimento fatal e enganoso, veríamos como o seu espírito acompanhava a grande evolução, e como o seu gôsto finamente artístico ia aclimando ao seu lar tão perigosas novidades.

Ao devassarmos os salões sumptuosos do

paço da Ribeira, notariamos que diferença ia entre eles, regulares e vastos, e os velhos albergues históricos de S. Martinho ou do Castelo. Aqui é o palácio do rei navegador; além, eram as poisadas caducas e irregulares dos valis cristãos de Lisboa. Mobília e adornos são no paço novo da casa da Mina a eloquente consequência das vitórias da conquista.

É el-rei D. Manuel uma daquelas figuras históricas que ainda não foram devidamente estudadas a fundo, me parece. Tudo quanto fôr juntar pormenores para o desenho do seu retrato íntimo, para a descrição do seu papel doméstico, é pois serviço aos historiadores. Assim como a genealogia, com as suas minúcias muita vez importunas (na apariência), é um dos mais valiosos auxiliares da alta história, assim a anedota, e a observação pessoal contemporânea, são dos mais preciosos componentes da síntese crítica.

.....

*

Li não sei onde, que uma vez... (aqui é preciso aproximar um facto do século XIV) uma vez, em Almeirim, numa seroada depois da montaria, no inverno, achava-se D. João I com os seus à lareira, saboreando o lume que chispava e zunia em sinal do frio intenso que lá fora silvava nas charnecas. Queixando-se el-Rei da violência demasiada do lumaréu, correu logo espontaneamente um donzel de serviço a interpôr-se entre seu amo e o fogão. Tanto à própria serviu de *guarda-fogo*, e ali se deixou ficar com tão heróica resignação o donzel, que as labaredas lhe lamberam as costas do pelote, e às duas por três cheirava a chamusco.

A lã ou seda queimada tem um acre inconfundível. Averiguado donde vinha o fumo, ficou el-Rei contente de tanta dedicação, e galardoou o seu servidor com o senhorio da vila de Almeida. (Era provavelmente um Meneses, porque os marqueses de Vila Real é que possuíam o senhorio dessa vila).

Passaram mais de cem anos. Uma noite achava-se el-Rei D. Manuel em Sintra. Fazia muito frio, daqueles aquilões de outono que tanto deixam apetecer o lume. Ardia na vasta quadra o fogão, atravessado de rama-gens de cedro velho. Queixou-se el-Rei da intensidade daquela Troia; senão quando, corre logo certo moço-fidalgo a tomar entre o seu soberano e o lume a postura dedicada do antigo donzel. Percebeu-o el-Rei, adivinhou-lhe a intenção, e disse-lhe com modo fino, exortando-o e batendo-lhe amigavelmente com os dedos na face:

— Sai daí, anda, que Almeida já está dada.

*

De entre êstes muchachos, cuja crónica, se existisse, daria volumes do maior chiste, havia um (vamos aos dias de el-Rei D. João III), havia um muito mau, e (como se vai ver) muito perdido de mimos; era Nuno Álvares Pereira, filho de Rui Pereira da Silva (guarda-mor do príncipe D. João) e de D. Isabel da Silva, senhora do morgado de Monchique⁽¹⁾. El-Rei gostava muito de o ouvir, e de lhe puxar pela lingüinha, que era de prata.

Havia, por acaso, três dias que lhe não falava; o rapazito andava sentido disso, mas, pela etiqueta, não devia ser ele quem quebrasse o jejum. ¿ Que fez então? quebrou outra coisa; foi-se a um canto dum fogão de mármore, que se pusera havia pouco em certa sala do paço, e fê-lo em pedaços.

Soube-o o senhor D. João III, e mandou chamar o criminoso. Apareceu o menino com modo satisfeito e alegre.

— Nuno, ¿ que disparate foi êsse de ir quebrar o canto do fogão novo? ¡ terrível rapaz!

— Ainda bem ¡ meu senhor! não me pesa de o ter feito, visto que afinal Vossa Alteza fala comigo. Havia três dias que me não falava !!...

¿ Que tal estava o sujeitinho? pregunto eu.

(1) *Hist. Gen.*, tom. X, pág. 609.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 771. — Peço dizer-me se está certo o processo de taxa a seguir indicado:

P. V., Alfândega a Vila Real, um vagão com sal marinho comum a granel, 10.000 Kgs. Foi requisitado um vagão de carga normal. Carga e descarga pelos donos (no percurso do Minho e Douro).

Tabela 10 — 108 Kms.

Transporte.....	342\$54
Comp.º do imp.º Selo 5,05 % 17\$30	
ferroviário ... Assistência \$15	17\$45
Manutenção.....	77\$00
Registo	\$55
	437\$54
Adicional de 10 %	43\$76
	481\$30
» » 5 %	24\$07
	505\$37
Arredondamento	\$03
	505\$40

R. — Está certa a taxa apresentada.

P. n.º 772. — Peço dizer-me se está certo o processo de taxa a seguir indicado:

G. V., Sintra a Braço de Prata, 2 sacos cebolo para plantar, 140 Kgs.

Tarifa E. 1 — § 2.º — 33 Kms.

Transporte \$30,82 × 6 × 14	3\$21
Comp.º do imp.º Selo 5,05 %... \$17.	
ferroviário ... Assistência.. \$15	\$32
Manutenção	\$84
Registo e Aviso	1\$10
	5\$47
Adicional de 10 %	\$55
	6\$02
Arredondamento	\$03
Total.....	6\$05

R. — Está certa a taxa apresentada.

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Públ.º A. n.º 690 — Anuncia a suspensão da Tarifa Especial n.º 22 G. V (Bilhetes de ida e volta para estações que servem praias de banhos ou estâncias de águas).

Aviso ao Públ.º A. n.º 691 — Anuncia a anulação do A. n.º 642, que estabelece a redução de 50% no transporte de cãis de caça.

Aviso ao Públ.º A. n.º 692 — Anuncia o encerramento do Despacho Central de Torres Novas e a suspensão do serviço de camionagem combinado com a firma João Clara & C.ª. (Irmãos).

Aviso ao Públ.º A. n.º 693 — Amplia o serviço que presta a estação fluvial de Lisboa-Santo Amaro, que passa a fazer também, com restrição, o serviço de grande velocidade, a partir de 7 de Julho de 1941.

Aviso ao Públ.º A. n.º 694 — Anuncia o serviço que o apeadeiro de Canelas, situado ao quilómetro 283,273 da linha do Norte, passa a fazer.

Aviso ao Públ.º A. n.º 695 — Anuncia o serviço prestado pela carreira de caminhetas entre a estação de Évora e Torrão.

Aviso ao Públ.º A. n.º 696 — Estabelece prazos de armazenagem gratuita para vinho nacional de qualquer espécie na estação de Vila Nova de Gaia, e de cascara vazia nas estações de Mosteiro até Barca de Alva.

Aviso ao Públ.º A. n.º 697 — Anuncia a entrada em vigor da Tarifa Especial n.º 1-C — Passageiros — «Bilhetes de veraneio em praias ou estâncias de águas ou de repouso», e anula a Tarifa Especial n.º 22 de G. V.

Aviso ao Públ.º A. n.º 698 — Anuncia a entrada em vigor do Complemento à nova Tarifa Especial n.º 1-C. — «Bilhetes de veraneio em praias ou estâncias de águas ou de repouso» — que se destina a regular o Serviço combinado com as Empresas de Camionagem, e anula o 1.º Complemento à Tarifa Especial n.º 22 de G. V.

Aviso ao Públ.º A. n.º 699 — Anuncia a inauguração do Despacho Central de Caldelas, servido pelas caminhetas de serviço combinado com a Empresa Hoteliera do Gerez, Ltd., a qual passará a executar o serviço que ele indica.

Aviso ao Pùblico A. n.º 700 — Anuncia a entrada em vigor da Tarifa Especial n.º 2-C — Bilhetes de «fim de semana» — e anulando a Tarifa Especial n.º 9 — Passageiros.

Tarifa Especial n.º 1-C — Passageiros — Estabelece a venda de bilhetes de veraneio em praias ou estâncias de águas ou de repouso.

Complemento à Tarifa Especial n.º 1-C — Passageiros — Estabelece venda de bilhetes de veraneio em praias ou estâncias de águas ou de repouso, em combinação com Empresas de Camionagem.

Tarifa Especial n.º 2-C — Passageiros — Estabelece venda de bilhetes de «fim de semana».

Carta-Imressa n.º 34 — Presta esclarecimentos sobre o Aviso ao Pùblico A n.º 606 e Tarifa de Camionagem.

55.º Complemento à Tarifa de Camionagem — Estabelece o serviço combinado com a firma Capristano & Ferreira para o transporte de passageiros munidos de bilhetes da Tarifa Especial n.º 1-C.

56.º Complemento à Tarifa de Camionagem — Estabelece o serviço combinado com o Sr. João Pereira Vilela para o transporte de passageiros munidos de bilhetes da Tarifa Especial n.º 1-C.

II — Fiscalização e Estatística

Carta-Imressa n.º 308 — Informa ter sido concedida a redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral, para o transporte das pessoas que assistiram ao Congresso das Vocações Sacerdotais Missionárias e Religiosas, realizado em Braga.

Carta-Imressa n.º 309 — Refere-se à redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral, para o transporte das pessoas que tomaram parte no Congresso Eucarístico Regional, realizado em Setúbal nos dias 18 a 22 de Junho.

Carta-Imressa n.º 310 — Relaciona os bilhetes de identidade e anexos extraviados no mês de Junho e que devem ser apreendidos.

Carta-Imressa n.º 311 — Refere-se à redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral, para o transporte dos alunos do Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Carta-Imressa n.º 312 — Refere-se à redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral, para o transporte dos

atiradores que tomaram parte nas Provas Internacionais de Tiro a Pombos, realizadas em S. Pedro do Estoril.

Carta-Imressa n.º 313 — Refere-se à redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral, para o transporte dos alunos do Curso de Férias da Escola Superior de Farmácia da Universidade de Coimbra.

III — Serviços Técnicos

2.º Aditamento à Circular n.º 901 — (19 de Junho de 1941). Trata da alteração na distribuição do petróleo, óleo e restantes materiais de consumo, às estações do M. D., em virtude do novo horário em vigor a partir de 10 de Junho de 1941.

Instrução n.º 2356 — (16 de Julho de 1941). Diz respeito à sinalização do Apeadeiro de Canelas, em virtude de se ter aberto à exploração um ramal para serviço público ao Km. 283,308, 50 Norte.

Comunicação-Circular n.º 49 — Refere-se à utilização do Material de incêndios de que são dotados os furgões dos combóios de mercadorias.

III — Movimento

Comunicação-Circular n.º 744 — Refere-se a alterações havidas em vagões de propriedade particular.

Comunicação-Circular n.º 745 — Procedimento a adoptar no caso de avarias em material circulante, produzidas involuntariamente por passageiros.

Comunicação-Circular n.º 746 — Indica as séries e números de vagões da Beira Alta alugados a firmas transitárias.

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial no mês de Junho de 1941

	Antiga Rêde		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 8	4.985	4.991	1.838	1.660	1.970	1.712
» » 9 » 15	4.619	4.476	1.590	1.402	1.936	1.708
» » 16 » 22	4.679	4.523	1.733	1.555	1.997	1.610
» » 23 » 31	5.162	5.374	1.878	1.796	2.230	2.001
Total.....	19.445	19.364	7.039	6.413	8.183	7.081
Total do mês anterior	20.052	19.308	7.747	7.110	7.501	6.553
Diferenças	— 607	+ 56	— 708	— 697	+ 682	+ 479

Factos e Informações

Ateneu Ferroviário

Promovido pela Direcção do Ateneu Ferroviário, teve lugar no dia 6 de Julho findo um festival de homenagem à Banda de música, com a colaboração do Grupo Cénico e Orquestra Benficófila.

Este festival foi precedido de um almôço na sede, exclusivamente oferecido aos executantes da banda e seu regente.

O Sr. Vasco de Moura, Secretário da Direcção Geral, presidiu ao almôço, sendo secretariado pelos Srs. Amadeu Diniz de Barros,



Aspecto da ceia oferecida pela Direcção do Dispensário de Puericultura ao Grupo Cénico do Ateneu Ferroviário, na noite de 11 de Maio p. p., por ocasião do espectáculo realizado no Teatro Rosa Damasceno, com a opereta «A Flor do Bairro».

Secretário da Mesa da Assembleia Geral e Mário de Sousa Diniz, Presidente da Direcção.

A série dos discursos foi iniciada pelo Sr. Mário Diniz, que manifestou a sua satisfação pela modesta homenagem que se estava prestando aos pioneiros do Ateneu e agradeceu a todos os que, de tão boa vontade, haviam auxiliado a Direcção na realização do festival e, em especial, às gentis senhoras e meninas que muito graciosamente se prestaram a servir o almôço.

Seguidamente, o mesmo senhor leu uma carta do Sr. Félix Fernandes Perneco, Pre-



Aspecto do almôço realizado na sede do Ateneu Ferroviário, em homenagem à banda de música.

sidente da Assembleia Geral, em que declarava associar-se à homenagem, lamentando, contudo, que um assunto da sua vida particular o tivesse inibido de comparecer.

Os Srs. Luiz Boulton, regente da banda, José Júlio Ferreira, relator do Conselho Fiscal e António Domingos Macau, executante da banda, proferiram palavras de agradecimento e de aplauso à iniciativa da Direcção.

O Sr. Vasco de Moura, a quem a assistência saudou com uma prolongada salva de palmas, num interessante improviso encerrou os discursos, afirmando ser-lhe sempre grato assistir a festas daquela natureza e,



Alguns componentes do Grupo Cénico no jardim das Portas do Sol, em Santarém, por ocasião do espectáculo de beneficência que teve lugar no teatro Rosa Damasceno daquela cidade, no dia 11 de Maio p. p. .

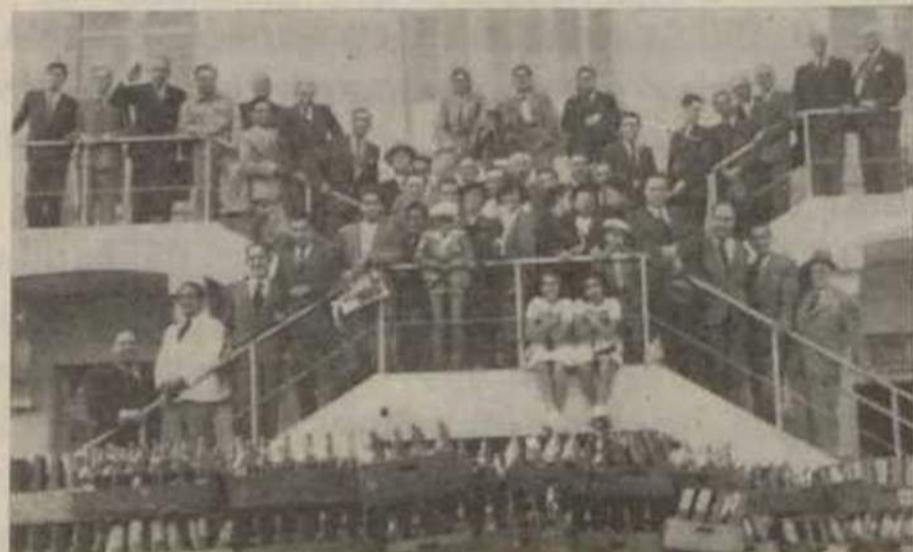
principalmente, quando as mesmas se destinavam a homenagear os que tão dedicada e desinteressadamente trabalhavam pelo engrandecimento do Ateneu.

Finalmente, a menina Maria Luiza de Magalhães recitou versos da sua autoria.

No terreno anexo à sede do Ateneu, a banda, sob a regência do Sr. Luiz Boulton, fez-se ouvir num esplendido concerto.

O festival terminou com um baile e vários números de variedades, pelo Grupo Cénico e Orquestra Benficófila.

A pedido da Sociedade Promotora de Escolas — Escola Oficina n.º 1 — o grupo Cénico do Ateneu realizou no dia 17 de Julho findo, no Teatro da Trindade, um espectá-



Sócios do Ateneu e pessoas de família que, em 16 de Agosto findo, visitaram a Fábrica de Cerveja «Estréla»

culo com a representação da opereta «A Flor do Bairro», de Félix Bermudes e João Bastos, música do Maestro Wenceslau Pinto.

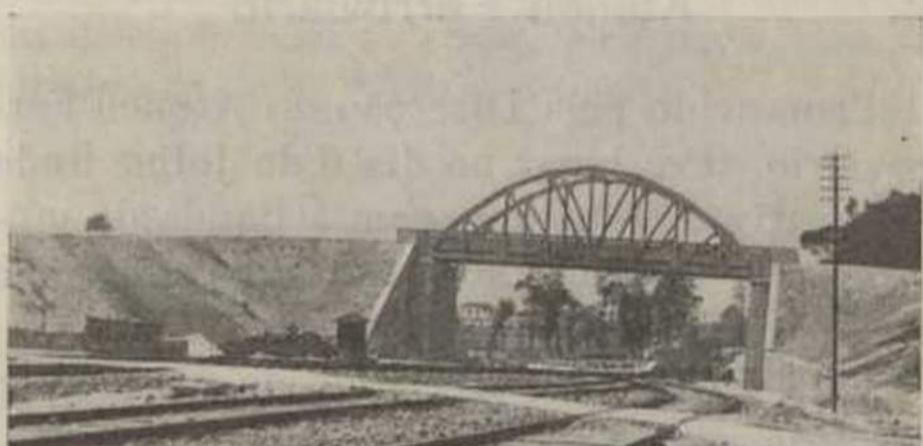
O teatro teve uma completa enchente, manifestando-se o público, no decorrer do espetáculo, com fartos aplausos.

No intervalo do 2.º para o 3.º acto, a Direcção da Sociedade Promotora de Escolas — Escola Oficina n.º 1 — ofereceu uma fita para o estandarte do Ateneu e um lindo ramo de flores à Directora do Grupo, Sr.ª D. Enita Correia.

Seguidamente, a Sr.ª D. Maria de Vasconcelos, componente do Grupo, recitou versos da autoria da Sr.ª D. Arminda Gonçalves, empregada principal dos Serviços Gerais da Divisão da Exploração.

Passagem superior de Contumil

Ao sul da estação de Contumil existia uma passagem de nível que teve de ser su-



A nova passagem superior de Contumil

Fotog. do Eng.º Rosas da Silva, Delegado da Companhia no Pôrto.

primida com a ampliação das instalações ferroviárias em curso neste local.

Como a ligação que essa passagem de nível estabelecia não era dispensável pela viação ordinária, projectou-se substituí-la por uma passagem superior.

A construção iniciou-se em 27 de Dezembro de 1939 e os últimos retoques foram dados em Junho do corrente ano.

O tabuleiro é de betão armado com o vão de 23^m,50 e a altura livre sob ele é de 6^m,95.



Outra vista da passagem superior de Contumil

Fotog. do Eng.º Rosas da Silva, Delegado da Companhia no Pôrto.

A largura da faixa de rodagem é de 5,º00; existem lateralmente a esta passeios com 0,º80. A largura total da obra de betão armado é 6,º92.

Pessoal

Actos dignos de louvor

No dia 23 de Abril último, o Limpador do Pôsto de Revisão de Lisboa-P., Boaventura Rezende, achou um relógio de prata e uma corrente do mesmo metal, tendo feito entrega imediata d'estes objectos ao encarregado do Pôsto.

O Limpador da Revisão de Lisboa, Sr. Ilídio Duarte, que acompanhou o combóio 51 de 29 de Maio último, encontrou, no lavatório duma das carroagens, um anel de brilhantes, tendo feito entrega imediata do achado ao revisor titular do combóio.

O Agulheiro de 3.^a classe da estação de Belmonte, Sr. António da Cunha Santos, encontrou, no dia 6 de Junho findo, abandonada naquela estação, uma nota de 20\$00, da qual fez entrega imediata.

Nomeações

Em Julho

DIRECÇÃO GERAL SECRETARIA

Servente dos Escritórios Centrais: Mário da Conceição Freiro.

EXPLORAÇÃO

Verificadores de contabilidade: Raúl Jacinto, Sinfrônio Simões Penalva e Alberto Matias.

Empregado de 3.^a classe: Mário Rodrigues Martins.

Ajudante de arquivista: Manuel Marques.

Factores de 1.^a classe: Salvador Rodrigues Morgado, António João Telheiro, Serafim Martins Ribeiro, Manuel das Neves Gaveta, Francisco Cunha, Alcínio Lourenço, José Marques da Silva, Luiz Dias Neves, José Alves Inácio, Manuel Antunes Ferreira, Manuel Rôlo Gaspar, Fernando de Matos, António José de Oliveira, Plácido Soares de Queiroz, Rui Bolacho Maçaroco, José Dias Lourenço, António Pescante dos Reis, Manuel Barata, António Maria da Silva, Jaime Ferreira Lopes, António Amaro Cabrita, Manuel Matias Lopes, António Marques, Luiz Marques da Silva, João Raimundo e Vítor Manuel Rodrigues.

Aspirantes: José Falcão Pereira Jacinto, Liócinio Soares, Absílio de Matos Heitor, José Neves Varanda, Manuel Fernandes, Carlos de Magalhães Branco, Fernando Ferreira Ramos, Vergílio Valente, António Rodrigues Loureiro, José Mendes Louro, José Capão Farinha, José da Conceição Belo, Duarte de Oliveira Pita, Hilário Baptista Marrucho, Luís da Silva Rodrigues Fernandes, Álvaro Ribeiro Cardoso, José Pinto, Albertino Rodrigues da Fonseca, João Nunes Júnior.

AGENTES QUE COMPLETAM 40 ANOS DE SERVIÇO



João Nunes

Inspector Principal Adjunto
da 2.^a Circunserção.
Nomeado Aspirante
em 17 de Agosto de 1901.
Foi várias vezes elogiado e gratificado por bons serviços prestados.

Alberto Mendes Diniz Fonseca

Empregado Principal
do Serviço de Fiscalização
e Estatística.
Nomeado Aspirante
em 17 de Agosto de 1901.

José da Cunha Coimbra

Fiel principal.
Nomeado Carregador
em 21 de Setembro de 1901.

António Marques Campos

Chefe de 1.^a classe em Lisboa-P.
Nomeado Aspirante
em 30 de Agosto de 1901.

José Francisco Rama, Carlos Trindade de Assunção, José Mendonça dos Santos, Amândio Pereira de Matos, Arménio Nunes Ferreira, Fernando Lopes Chora, João Vicente Duque da Silva, José das Neves, Manuel de Jesus Matias, António Maria Valente, Custódio Lopes, António Alves Loureiro, Manuel Martins de Oliveira e Silva, Virgílio Nunes da Costa, Manuel da Cruz Antunes Porto, Mário de Matos Pires, Libânia Ferreira, Arnaldo dos Santos Calheiros, António Martins Ramalho, Renato Braz da Cunha, João Martins Ribeiro, Joaquim Pires Cipriano, Manuel Nunes, Jorge Godinho Mendes, António da Conceição Jorge, Augusto Cordeiro Valente, Raúl Comprido Eusébio, João Lóio, Joaquim Rodrigues, José Marques Esparteiro, José Venancio, Josué Gonçalves, João Augusto Alves, Carlos Alberto da Silva Vergamota, Lúcio José Marcelino, Belarmino António da Luz, Manuel Maria Ferreira Calisto, Américo Silvestre dos Santos, Cândido dos Reis Lima Pereira Pinto, Luís Marques dos Santos, Manuel Francisco Marques, Emílio de Matos Tavares, João Pinto de Lemos e Armando Gueifão Belo.

Guarda-freios de 3.ª classe: Hipólito Joaquim, António Joaquim da Cruz Júnior, José Filipe, Artur Pais de Almeida, Mário de Carvalho, Angelo da Silva Neto, Joaquim Pinho dos Santos e João Dias Costa

Revisores de 3.ª classe: Manuel Dias e José Ribeiro.

Engatador: Avelino Costa.

Faroleiros: Manuel dos Santos e António Tarugo.

Carregadores: Virgílio Tavares, António Lemos, António Manuel, José Francisco de Almeida, António Vieira Amaro, Manuel Bernardo, António Campos da Costa, José da Silva Gomes, Júlio Gama de Oliveira, Augusto Inácio Nunes, José Rodrigues Couraça, Fútuoro Faria da Silva, Marcolino Coelho Lopes, Domingos Paulino, José Mendes Infante, José Guerreiro, Acácio Maria Lopes, António Rôlo, José Rodrigues, Joaquim de Sousa Gião, Américo do Vale, Manuel Marques Farias, Manuel Rodrigues Santiago, Acácio Domingos Macau, Joaquim Jacinto, Domingos Jerônimo, José Chumbinho, Manuel Silva dos Reis e Faustino Vieira Pereira.

Servente: José Mendes Pereira.

MATERIAL E TRACÇÃO

Chefes de brigada: Mário Veloso da Luz e Raúl Pereira Gonçalves.

Desenhadores copistas: Nestor Martins Timóteo, Américo Ferrador, José Pedro da Luz e António Gomes.

Continuo de 2.ª classe: Carlos dos Santos Rodrigues.

Marinheiro de 2.ª classe: Manuel dos Santos Peleja.

VIA E OBRAS

Sub-chefe de Secção: Armando Vasques Borges.

Encarregado de obras: António da Silva Moreira.

Electricista de 3.ª classe: Manuel Mineiro.

Carpinteiro: José Romão de Brito.

Servente de escritório e armazem: João Leonardo Tairocas.

Assentadores: Elísio Aquiles Teixeira, João Pinto, Casimiro Pinheiro da Costa, João Pires, José Nicola Martins, Manuel da Costa, Manuel Gomes da Cruz, Carlos Ferreira, José Pinto, Sebastião Alves Pereira, José Maria Diniz, Augusto Ferreira de Araujo, Manuel António Fernandes da Costa, Mário Augusto Correia, Antero da Cruz Ribeiro, António dos Santos Duarte, Francisco José Lameiras, Eduardo de Brito Franco, José Cardoso, Augusto da Silva, Manuel da Palma Marques, Justino José da Vinha, António da Silva, Alfredo Gonçalves Mendes, António Dias, Manuel Domingues Júnior, Jacinto Pereira Lopes, António Ferreira Girão, João dos Santos, Cristóvão Rodrigues, José Marques da Silva, Manuel Nunes Lopes, Arménio Pinto Ribeiro, Joaquim da Fonseca, Rómulo Martins, Amadeu Jorge, Manuel Belo, António Joaquim Tomé da Rocha, Nascimento Messias dos Santos, Benjamim da Conceição Silva, Joaquim Lopes Capucho, João Gonçalves, António Dias Barbado, Manuel Rodrigues, António Nunes Marques, Álvaro da Graça, Adriano Bernardo de Oliveira, José da Silva, Alfredo Ribeiro, Bartolomeu Lopes Teixeira, António Lopes, José Maria Serrano, Abraão Rodrigues Geitoeira, Teodoro Coelho Ferreira e António Mendes Larangeiro.

Promoções

Em Julho

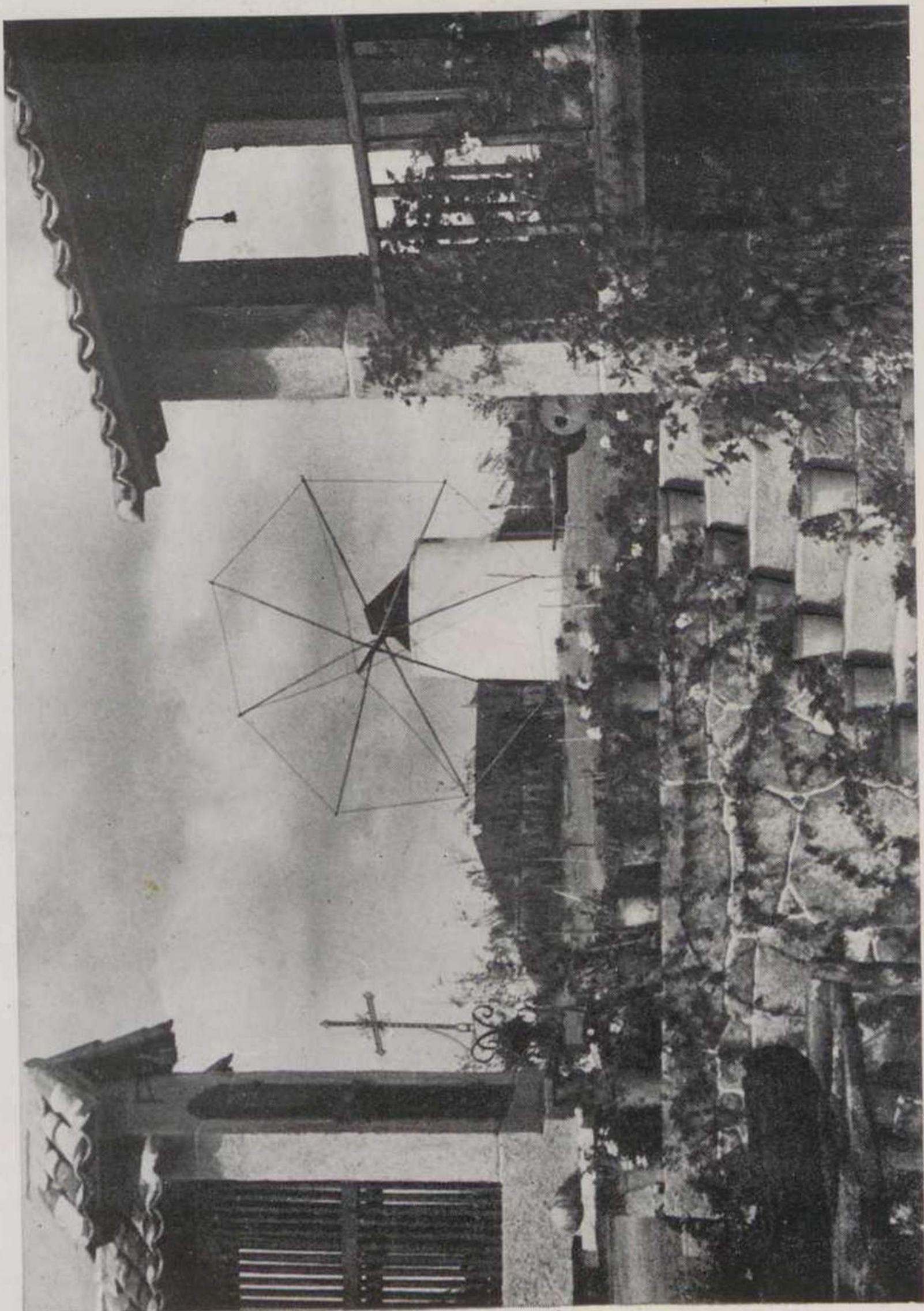
EXPLORAÇÃO

Sub-Inspectores de Contabilidade: José Pinto de Mesquita, António Maurício da Costa Júnior e Arthur Nozes de Almeida.

Chefes de 1.ª classe: João Simplicio, Homero Silva, Vitor Afonso, Luiz Marques, João Baptista Comprido, Manuel Lopes, Ricardo Carlos da Silva e Manuel Ferreira.

Chefes de 2.ª classe: José Leopoldino dos Santos, José Coelho, António André dos Santos, João Antunes, António Simões, Guilherme Augusto Tomás Júnior, Alberto Augusto Venceslau e Luiz Carvalho de Oliveira.

Chefes de 3.ª classe: Napoleão Pinto dos Reis, Manuel de Almeida, Álvaro da Silva Martins, Miguel Diniz Coelho, Joaquim Augusto Diniz da Silva, Pedro da Silva Barrau, José Martins, Luiz Gomes Botão, João de Jesus Pereira, Eduardo Ernesto Pombinho, Lourenço Barbosa Leão, José Augusto Ferreira e Belmiro Augusto Monteiro.



EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS – O Moinho das aldeias portuguesas

Foto. de Abel Leite Pinto, Empregado de 1.ª classe,
da Divisão da Via e Obras.

Factores de 1.ª classe: Manuel Nunes Branco, Manuel Marques Chaparro, Nicácio Taboada Rodrigues, Francisco da Costa Mendonça, José Lourenço Nunes, Augusto Bernardino Marques, Alberto Pinto da Cruz Júnior, Gaspar Rodrigues Torres, Bernardino António Valente, António Gomes Trindade, Juberto Carvalho Jalles, José Ferreira, Carlos Ferreira Peres, João Augusto Azevedo Santos, Salomão Eurico Gouveia, Alfredo Bento de Queiroz, Armando Inácio, Carlos Machado, José Pinheiro de Carvalho, Fernando Guimarães Costa e António Rodrigues Coutinho.

Factores de 2.ª classe: João Gomes Bento, Amílcar Barreto Rajado, João Afonso Gomes, Francisco Lacão Salvador, João Maria Gabriel da Costa, Alfredo Jesus Pereira, Roberto do Espírito Santo, Manuel Vicente Justo, Inácio Marques dos Reis, Américo da Costa, João Manuel Ferreira, Luiz António Bispo, António Martins Ferreira, Mário Simões da Rocha, António Domingues Júnior, José de Oliveira, Alípio de Oliveira Santos, José da Fonseca Ferreira de Sousa, Cândido Rodrigues Nunes, José Carlos Ramos Raimundo, Bernardino do Nascimento Marcos, Rodrigo Teixeira, António Joaquim Alvares de Figueiredo, Joaquim Teixeira Osório, José Baptista Tavares, João António Pereira, José Gomes, Artur Rodrigues, António Dias de Sousa, José de Matos Fernandes, Alfredo Gomes e José Augusto da Silva.

Telegrafista principal: Eduardo de Sousa Agostinho.

Conferentes: Francisco Rodrigues, Joaquim Augusto Reis Monteiro, José Maria de Passos Simas, Joaquim Soares de Oliveira e José Florêncio.

Condutores principais: Manuel Ferreira Dias Neves e António da Silva.

Condutor de 1.ª classe: Américo de Magalhães.

Condutores de 2.ª classe: Américo Castêdo, Ricardo da Silva, José Cabrita Neves e Silvério Gaspar.

Guarda-freios de 1.ª classe: Manuel Gonçalves Júnior, António dos Santos Júnior, Manuel Marques da Silva, Joaquim Manuel, Fortunato de Figueiredo e José da Silva.

Guarda-freios de 2.ª classe: Lucílio Gomes Trindade, António José Machado e Bento de Oliveira Lopes.

Revisor principal: Alberto Afonso Pereira da Silva.

Revisor de 2.ª classe: Gabriel Marques Narciso.

Akulheiros de 3.ª classe: José Monteiro, António da Silva, Júlio da Graça, Carlos Marreiros, Fausto Marques, José Guerreiro, António Leite Azevedo, Joaquim Aires Lourenço, José dos Santos Caldeira, José Mendes e Bento Rodrigues.

MATERIAL E TRACÇÃO

Vigilantes: José de Sousa Cabecinha e José de Sousa Flôres.

Maquinista de 2.ª classe: Joaquim Fernandes de Almeida.

Fogueiros de 1.ª classe: Luiz Rodrigues Constantino, Augusto Rodrigues Melão, Francisco Mota, António dos Santos Lapeiro, José Simões e Joaquim Aleixo Júnior.

VIA E OBRAS

Chefe de circunscrição: Juvenal Felicissimo.

Chefe de secção: Artur d'Almeida d'Eça.

Fiel de armazem de 2.ª classe: António Duarte.

Sub-chefes de distrito: António Mendes, Francisco Freire Oliveira, José Joaquim Lopes, Manuel Gonçalves Fulgencio, José Dias, Manuel dos Santos, António José Piteira, Feliciano Neves Mira, Sebastião Gonçalves Rebordão, Joaquim Gomes, Serafim José, José Garrido Martins, Marciano Garcia, Manuel Bandeirinha, Esdrubal Agostinho, Américo Rodrigues Bento, Júlio de Carvalho, Júlio Beja dos Santos, Jaime Marques, Manuel Henriques, Júlio Gaspar, João da Silva, Domingos Trindade Santarem e Rafael Cordeiro.

Reformas

Em Maio

EXPLORAÇÃO

António Ramos, Carregador, de Alfarelos.

Em Julho

EXPLORAÇÃO

José Pereira Correia, Arquivista de 1.ª classe, do Serviço do Movimento.

Manuel Duarte Lizardo, Chefe de 1.ª classe, de Aveiro.

Germano Miranda, Chefe de 3.ª classe, de Ferrão.

Carlos Salvador Filipe, Factor de 1.ª classe, de Espinho.

Manuel Pinto de Almeida, Condutor principal, de Campanhã.

Manuel dos Santos Rosa, Guarda-freios de 1.ª classe, de Barreiro.

Elisio Nunes Conde, Agulheiro de 3.ª classe, de B. Lares.

César Pratas, Porteiro, de Lisboa-R.

Nicolau Cardoso, Guarda, de Porto.

António Alberto Graça, Carregador, de S. Pedro da Torre.

MATERIAL E TRACÇÃO

Carlos Rodrigues Parreira, Sub-chefe de serviço, Chefe da 2.ª Circunscrição.

Vicente Pereira, maquinista de 2.ª classe.

António Pereira Salgueiro, maquinista de 3.ª classe.

Matias Baptista, fogueiro de 2.ª classe.

VIA E OBRAS

Augusto Mesquita Henriques Antunes, Sub-chefe de Repartição.

António Robalo, Sub-chefe do distrito 1.

Augusto Manuel Paulino, Assentador do distrito 117.

João Martins, Assentador do distrito 413.

Carmim Nogueira de Sousa, Assentador do distrito 431.

Maria da Silva, Guarda de P. N. do distrito 74.

Mudanças de categoria

EXPLORAÇÃO

Para:

Carregador: o Servente, Jaime Marcelino Sequeira.

Engatador: o Agulheiro de 3.ª classe, Feliciano de Albuquerque.

Falecimentos

EXPLORAÇÃO

Em Junho

† *Feliciano Gonçalves da Cunha*, Carregador, de Paialvo.

Nomeado Carregador em 21 de Agosto de 1913.

Em Julho

† *Manuel Vas da Cruz*, Empregado de 2.ª classe da 1.ª Circunscrição.

Admitido como Praticante de factor em 1 de Abril de 1924, foi nomeado Aspirante em 1 de Abril de 1925

e Factor de 3.ª classe em 1 de Janeiro de 1927, promovido a factor de 2.ª classe em 1 de Abril de 1929, tendo passado a Empregado de 3.ª classe em 1 de Janeiro de 1934.

Foi finalmente promovido a Empregado de 2.ª classe em 1 de Janeiro de 1936.

† *José Marques*, Escriturário de 2.ª classe, de Regua.

Admitido como Carregador eventual em 18 de Setembro de 1916, foi nomeado Carregador efectivo em 16 de Abril de 1919, tendo passado a Escriturário de 2.ª classe em 1 de Janeiro de 1928.

† *Gaspar Leite*, Guarda, de Famalicão.

Admitido como Carregador eventual em 28 de Abril de 1918, foi nomeado Carregador efectivo em 1 de Julho de 1927 e Guarda de estação em 21 de Outubro de 1935.

† *Salvador Viegas*, Guarda, de Faro.

Admitido como Carregador auxiliar em 2 de Outubro de 1918, foi nomeado Guarda de estação em 9 de Julho de 1925.

† *Crispim Augusto*, Carregador, de Entroncamento.

Admitido como Carregador suplementar em 15 de Janeiro de 1925, foi nomeado Carregador efectivo em 21 de Outubro de 1928.

VIA E OBRAS

† *Aquilino Trindade*, Assentador, do distrito 205 — Fonte.

Admitido como Assentador em 21 de Outubro de 1928.

† *Margarida Emilia*, Guarda de P. N. do distrito 415 — Cerveira.

Admitida como Guarda de P. N. no quadro dos Caminhos de Ferro do Estado (M. D.) em 4 de Maio de 1906.



† *Feliciano G. da Cunha*
Carregador



† *Aquilino Trindade*
Assentador



† *Gaspar Leite*
Guarda

Mefistofélicas: 22 — Já não é exceção à regra escrever antes o discurso para ser pronunciado em público.

23 — Um discurso dá margem a outro discurso.

Sincopadas: 24 — O «discurso» pode não convencer, mas elucida — 3-2.

25 — Um discurso muito extenso deixa a assistência possuída de certo aborrecimento — 3-2.

26 — O discurso prometedor que no inicio tem mau auspicio não abona o orador — 3-2.

27 — O discurso, escrito, maldizente das imposturas femininas, a nenhuma «mulher» agrada — 3-2.

28 — Ao ouvir um discurso longo e enfadonho toda a gente fica fúla — 3-2.

Novíssimas: 29 — Uma argumentação deficiente pode causar a falta de ação persuasiva no discurso evangélico doutrinal — 4-1.

30 — Qualquer pessoa de carácter *rispido* ouve e segue, atentamente, um discurso harmonioso 2-2.

31 — Não é com conversa fiada que se faz um discurso — 4-2.

32 — É a *pequenez* do texto e o uso restrito da *palavra* que simbolizam o pequeno discurso — 2-2.

33 — Todos estão fartos de tretas e, por isso, já ninguém, neste tempo, liga meia aos discursos tendenciosos — 2-1-1.

34 — O discurso que a mulher *sabichona* profere só pode ser um discurso enfadonho e pretensioso — 4-1.

35 — Ninguém argumenta comigo quando chamo à mente a inspiração para o discurso — 4-2.

Tabela de preços dos Armazens de Viveres, durante o mês de Setembro de 1941

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Nacional kg.	2\$25	Carvão de sôbro-Rest. Armazens kg.	555	Milho lit.	590
» » branco »	2\$60	Cebolas » variável		Ovos duz.	Variável
» » mate.. »	2\$80	Chouriço de carne »	15\$00	Presunto kg.	16\$10
» » glacé »	3\$10	Far. de trigo »	2\$30	Petróleo-Em Lisboa..... lit.	1\$85
» » gigante. »	2\$90	Farinheiras »	8\$50	» -Rest. Armazens ... »	1\$95
Arroz Nacional corrente 1.º Colonial »	3\$40	Feijão branco miudo ... lit.	2\$40	Queijo da serra kg.	17\$50
Açúcar de 1.º Hornung »	4\$50	» » grado .. »	2\$50	Sabão amêndoas... »	1\$20
» » 2.º » »	4\$55	» » apatalado »	2\$60	» Offenbach..... »	2\$61
» pilé	4\$65	» frade lit.	1\$50 e	Sal lit.	580
Azeite extra lit.	7\$10	» manteiga lit.	2\$50	Sêmea kg.	585
» fino..... »	7\$00	» avinhado..... »	2\$50	Toucinho »	Variável
Bacalhau inglês kg.	variável	» S. Catarina »	2\$50	Vinagre lit.	1\$10 e
» Nacional »	»	Lenha em Lisboa kg.	530	Vinho branco lit.	1\$80
» Islândia »	»	» rest. Armazens .. »	520	» tinto »	1\$80
Batatas..... »	»	Manteiga »	21\$50		
Carvão sôbro-Em Lisboa kg.	565	Massas »	4\$10		

Os preços dos gêneros sujeitos a imposto são acrescidos desse imposto

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos conforme as oscilações do mercado

Alem dos gêneros acima citados, os Armazens de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres, e também tecidos de algodão, malhas, atoalhados, fazendas para fato, caçado e roupa de ferro esmalhado, tudo por preços inferiores aos do mercado

Quem fôr económico deverá abastecer-se nos Armazens de Viveres, com o que contribuirá, também, para a prosperidade da sua Caixa de Reformas, que representa o futuro de todo o funcionário ferroviário

O Boletim da C. P. tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 42 números formam um volume com índice próprio. Os números deste Boletim não se vendem avulso

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim deverão contribuir com a importância anual de 12\$00, a descontar mensalmente, receita que constituirá um **fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos, por via hierárquica, à Secretaria da Direcção (Boletim da C. P.).